

Sustentabilidade em pequenos negócios: uma abordagem baseada nos padrões da Empresa B

HENRIQUE TEIXEIRA DA SILVA¹⁶

MIRELA JEFFMAN DOS SANTOS¹⁷

HAMILTON LUIS KLEINOWSKI¹⁸

RESUMO

Durante o século XX, a sustentabilidade ganhou espaço nas discussões, tornando-se amplamente valorizada pelos consumidores e, conseqüentemente, fundamental para competitividade das organizações. O Sistema B se trata de um movimento que tem por objetivo disseminar o desenvolvimento sustentável por meio da certificação das organizações em âmbito global. Para obter tal certificação, as empresas devem ter objetivos que extrapolam indicadores financeiros e contemplar também benefícios para a sociedade com vistas a melhorar a vida das pessoas. Especificamente, os critérios da certificação Empresa B incluem cinco dimensões: trabalhadores, clientes, comunidade, meio ambiente e governança; que devem permear o modelo de negócios e estar presentes em seus objetivos estratégicos. O presente artigo teve por objetivo analisar como as micro e pequenas empresas do estado do Rio Grande do Sul tratam a sustentabilidade, de acordo com a proposta do Sistema B. A pesquisa de campo contemplou entrevistas com oito gestores de micro e pequenas empresas do RS, complementadas por análise documental no site do laboratório B, criador da certificação. Os resultados demonstraram que os gestores compreendem a importância socioambiental e têm intenções positivas no sentido de implementar as melhores práticas de sustentabilidade, porém ainda não têm consciência do quanto essas ações podem gerar resultados financeiros. O estudo contribuiu no sentido de evidenciar o potencial que a inclusão do tema sustentabilidade na estratégia das organizações representa, tanto no fomento de uma sociedade mais próspera e um planeta mais sustentável, quanto para ampliar a sua competitividade.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Responsabilidade Socioambiental. Empresa B. Pequenos Negócios. Microempresa.

ABSTRACT

During the 20th century, sustainability gained space in discussions, becoming widely valued by consumers and, consequently, fundamental for the organizations' competitiveness. B System is a movement that aims to disseminate sustainable development through the organizations' certification globally. To obtain such certification, companies must have goals that go beyond financial indicators and also include benefits for society in order to improve people's lives. Specifically, Company B certification criteria include five dimensions: workers, customers, community, environment and governance; that must permeate the business model and be present in its strategic objectives. This article aimed to analyze how

¹⁶ Especialista em Gestão Empresarial pelo IBGEN. Especialista em compras no Grupo Gerda. henrique.teixeira1981@gmail.com.

¹⁷ Doutora em Administração. Professora universitária. Professora convidada no grupo FTEC/IBGEN. mirela.santos@ibgen.edu.br.

¹⁸ Mestre em Administração e Negócios. Professor Universitário. hamilton@acad.ftec.com.br.



micro and small companies in the state of Rio Grande do Sul deal with sustainability, according to the proposal of B System. The field research included interviews with eight managers of micro and small companies in RS, complemented by document analysis on the website of laboratory B, creator of the certification. The results showed that managers understand the socio-environmental importance and have positive intentions towards implementing the best sustainability practices, but they are not aware of how these actions can generate financial results yet. The study contributes towards highlighting the potential that the inclusion of the sustainability theme in the organizations' strategy represents, both in fostering a more prosperous society and a more sustainable planet, as well as in increasing their competitiveness.

Keywords: Sustainability. Social and Environmental Responsibility. B-Corp. Small Business. Small Company.

1 INTRODUÇÃO

O tema sustentabilidade já conquistou o seu espaço na sociedade moderna. O interesse pela preservação ambiental e por questões socioambientais tem levado muitos indivíduos a repensarem os seus valores e prioridades, tornando-se consumidores mais responsáveis e exigentes (SANTOS, SILVA; CAETANO, 2019). As organizações, naturalmente, vêm acompanhando essa mudança. Com a facilidade de acesso à informação, as ações das empresas e os seus impactos têm se tornado de conhecimento público, o que credita à sustentabilidade especial importância na manutenção de uma boa imagem, bem como ajuda na conquista da preferência de clientes e na manutenção dos melhores profissionais nas suas equipes (WILLARD, 2017).

Conseqüentemente, as organizações perceberam a importância de acompanhar essas transformações. Até mesmo os pequenos negócios, que eram vistos como pouco impactantes no sistema, se viram pressionados a aderir às boas práticas sob pena de serem extintos do mercado. Os pequenos negócios passaram a ser vistos como altamente influentes nas questões de sustentabilidade, especialmente pela sua contribuição no desenvolvimento da economia local (SANTOS, SILVA; CAETANO, 2019). Além disso, as micro e pequenas empresas respondem por cerca de 30% do PIB do país, gerando mais da metade dos postos de trabalho formais em âmbito nacional (PEQUENAS EMPRESAS GRANDES NEGÓCIOS, 2020).

Esses pequenos negócios, além de enfrentar as dificuldades naturais da atuação em um mercado competitivo, têm que lidar com consumidores altamente informados, que vinculam as ações da organização à imagem da marca e tomam as suas decisões de compra baseadas nesses critérios (RÍOS, ALMAZAN; QUINTERO, 2018).



O Sistema B surgiu em resposta a esse movimento sustentável. Seu objetivo é disseminar o desenvolvimento sustentável entre as organizações. Para isso, oferece certificação em âmbito global às organizações que atendem a um conjunto de requisitos voltados para a sustentabilidade. A premissa fundamental do movimento do Sistema B é incentivar que as organizações definam objetivos estratégicos que extrapolam indicadores financeiros e contemplem também benefícios para a sociedade com vistas a melhorar a vida das pessoas (MACKEY; SISODIA, 2013).

Mais 3,5 mil empresas já foram certificadas pelo Sistema B mundialmente (PEDROZA, 2020). No Brasil, 187 empresas já foram certificadas pelo Sistema B, sendo que o ano de 2020 registrou 57 novas certificações. A região sudeste é a que apresenta maior concentração de organizações certificadas (84,5%), e a região sul ocupa a segunda posição, com 9% das empresas certificadas. O perfil das empresas que recebem a certificação é marcado por pequenos negócios. 81% das organizações possuem operações pequenas e dispõem de até 49 colaboradores (SISTEMA B BRASIL, 2020) e a maioria foi fundada há menos cinco anos (CORREA et al., 2020).

Esses dados sugerem a alta incidência de pequenos negócios certificados pelo Sistema B e revelam o potencial do mercado da região sul, como a segunda região de maior concentração das certificações, porém ainda com percentual consideravelmente baixo em relação à região sudeste. Diante disso, o presente estudo teve por objetivo analisar como as micro e pequenas empresas do estado do Rio Grande do Sul tratam a sustentabilidade, de acordo com a proposta do Sistema B.

Essa pesquisa pretendeu contribuir para o crescimento das certificações no estado, por meio de um estudo minucioso de como os critérios da certificação são percebidos pelos gestores das organizações. Além disso, o estudo também teve importância acadêmica, tendo em vista que, apesar do tema sustentabilidade ser amplamente explorado na literatura, constataram-se poucos estudos centrados no Sistema B. Uma das exceções é o estudo de Correa (2019) que abarca empresas certificadas na América Latina. No Brasil, não foram localizados estudos relacionados ao Sistema B.

O artigo está dividido em cinco seções, incluída essa introdução. A seguir, apresenta-se a teoria que sustentou o estudo, na qual discorre-se sobre o Sistema B. Na sequência, o método da pesquisa de campo é exposto. Na seção 4, os resultados do estudo são apresentados e analisados. Por fim, conclusões, contribuições, limitações e sugestões são apresentadas nas considerações finais.

2 SUSTENTABILIDADE

A associação da temática sustentabilidade aos negócios teve início no século XX, nos Estados Unidos, principalmente por questões religiosas. Na época, os homens de negócio que tinham senso de responsabilidade social usavam seus recursos em benefício da sociedade, no formato de caridade (BUSCH; RIBEIRO, 2009). As ações empresariais eram “centradas em atividades filantrópicas, como doações a instituições beneficentes” (ANDRADE; BIZZO, 2018, p.1).

Na década de 1950, a humanidade tomou consciência de um risco ambiental global, que se refere à poluição nuclear. “Os seus indícios alertaram os seres humanos de que estamos em uma nave comum, e que problemas ambientais não estão restritos a territórios limitados” (NASCIMENTO, 2012. p. 52).

Na década de 1960 ficaram famosas as denúncias realizadas pela bióloga Rachel Carson, principalmente pelo seu livro “Primavera Silenciosa”, que mostrou como os inseticidas e pesticidas químicos afetavam o meio ambiente e ameaçavam a vida:

Pela primeira vez na história do mundo, cada um dos seres humanos está agora sujeito a entrar em contato com substâncias químicas perigosas, desde o momento em que é concebido, até o momento em que sua morte ocorre. Em menos de dois decênios do seu uso, os pesticidas sintéticos foram tão intensamente distribuídos pelo mundo que eles aparecem virtualmente por toda parte (CARSON, 1962, p.25).

O livro ficou conhecido como um marco histórico para a literatura ambiental em nível mundial (ABREU, 2010). As denúncias, além de terem tocado a mídia e os governos, beneficiaram de forma expressiva o movimento ambientalista (NASCIMENTO, 2012).

A seguir, em 1972, aconteceu a Conferência de Estocolmo, que foi o primeiro grande evento relacionado à sustentabilidade no mundo e se constituiu na “primeira tentativa de aproximação entre os direitos humanos e o meio ambiente, integrando as discussões políticas na agenda das nações” (GURSKI, GONZAGA; TENDOLINI, 2012, p. 3). Ainda que a Conferência de Estocolmo tenha gerado repercussões e ações de diversas entidades e nações, o evento seguinte só ocorreu em 1992, no Rio de Janeiro, onde foi criada a Convenção da Biodiversidade e das Mudanças Climáticas

A partir de 1995, passaram a ocorrer reuniões anuais entre as nações, chamadas de Conferência das Partes (COP), cuja mais notória foi a de 1997, que deu origem ao protocolo de Quioto, sendo essa a “primeira iniciativa global com metas quantitativas de redução de emissões ou captura dos gases do efeito estufa” (OLIVEIRA; VECCHIA, 2009, p. 4-5).



Neste momento teve início uma grande discussão internacional, que se estende até os dias de hoje, em relação às questões ambientais, sobretudo pela contrariedade dos Estados Unidos e outros países desenvolvidos em relação a ações de sustentabilidade que podem atrapalhar a competitividade da sua economia (PIRES, 2006).

As contradições entre os países desenvolvidos e os restantes ficaram ainda mais claras quando os Estados Unidos não assinaram o Protocolo de Kyoto, mesmo após o *Intergovernmental Panel for Climate Change* (IPCC), em 2007, lançar um comovedor alerta sobre os riscos prementes do aquecimento global e a contribuição nesse processo da ação antrópica. O mundo ficou tocado, o governo americano, nem tanto (NASCIMENTO, 2012, p. 5).

Ao final do século XX, a sustentabilidade passou a ser tratada com grande relevância, tendo, inclusive, a sua abrangência ampliada ao incluir as dimensões sociais e de governança das empresas às questões ambientais (WILLARD, 2017), podendo incluir também o crescimento econômico, a proteção ao meio ambiente e a igualdade social (MASCARENHAS; SILVA, 2013).

O público impactado também se tornou mais amplo, já que a sustentabilidade passou a envolver todas as partes que se relacionam com a empresa. Neste sentido, a empresa deve tomar decisões de modo a equilibrar os interesses de todos os públicos envolvidos, como colaboradores, clientes, fornecedores, concorrentes, governo e a comunidade (BUSCH; RIBEIRO, 2009).

Com a ampliação do escopo da sustentabilidade, foram criados diversos padrões, normas e indicadores que buscavam auxiliar a gestão das empresas nesta área. A primeira norma desse tipo foi a AA1000, que abrange o “diálogo com os *stakeholders*, os relatórios sociais, a cultura organizacional, negócios éticos e justos, condições de trabalho, gestão de treinamento dos recursos humanos, proteção ambiental e de animais, desenvolvimento da comunidade e direitos humanos” (TOLDO, 2003, p. 71). Outra norma que ficou bem conhecida foi a SA 8000, cujo principal objetivo é “coibir a prática de trabalho infantil e escravo e outras práticas de contratação de empregados que sejam consideradas abusivas” (ORIBE, 2006, p. 11-12).

No Brasil destacam-se os indicadores *Ethos* de Responsabilidade Social, que avaliam a gestão das empresas em relação à sustentabilidade; e ao Balanço Social, do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), e reúne um conjunto de informações sobre os projetos, benefícios e ações sociais (BUSCH; RIBEIRO, 2009).



Dentre as normas e certificações relacionadas à sustentabilidade, o presente estudo possui foco no Sistema B, que é apresentado no próximo tópico.

2.1 SISTEMA B

O Sistema B se trata de um movimento cujo objetivo é disseminar o desenvolvimento sustentável entre as organizações, por meio de uma certificação em âmbito global. A certificação pode ser obtida por organizações que incluem em seus objetivos estratégicos, benefícios sociais e ambientais, com vistas a contribuir para o desenvolvimento sustentável da sociedade (MACKEY; SISODIA, 2013), unindo a atração de capital consciente das empresas sem fins lucrativos com a pressão prática por melhor desempenho das organizações que visam o lucro (BALDO, 2019).

O Sistema B iniciou quando os empresários norte-americanos, Jay Coen e Bart Houlahan venderem a sua empresa de material esportivo, a *ANDI*, e viram os novos proprietários eliminarem todas as práticas de responsabilidade social criadas na empresa ao longo dos anos (CORREA et al., 2020). O sentimento de frustração ao ver todo o compromisso da organização com os colaboradores e a comunidade local ser desfeito de forma tão abrupta, levou os sócios a buscarem algo que pudesse contribuir com a sociedade (HONEYMAN, 2017). Em 2006, ao se unirem com o investidor Wall Street Andrew Kassoy, os sócios constituíram uma organização sem fins lucrativos, com o intuito de equilibrar o impacto e a influência das empresas sobre as pessoas e sociedade, que deu origem ao movimento da Empresa B (MARQUIS, 2020).

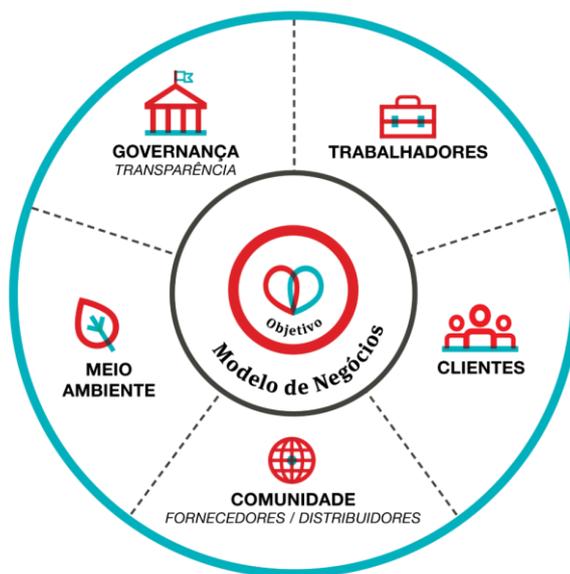
2.1.1 Critérios da Certificação Empresa B

A certificação Empresa B abrange um conjunto de critérios distribuídos em cinco dimensões: trabalhadores, clientes, comunidade, meio ambiente e governança, que são apresentadas na Figura 1.

Cada dimensão é composta por um conjunto de indicadores, aos quais a organização é avaliada e recebe uma pontuação. O instrumento de avaliação se trata de uma ferramenta online e gratuita, desenvolvida pelo Laboratório B (B Lab), pela qual a organização é avaliada e recebe uma pontuação que varia de 0 a 200 pontos. Para se candidatar à certificação, a organização deve preencher a “Avaliação de Impacto B”, e dispor de, no mínimo, 80 pontos

para candidatar-se à certificação. Depois de certificada, a organização passa por avaliações a cada dois anos para demonstrar que está avançando nas suas práticas e políticas de sustentabilidade (GEHMAN; GRIMES, 2018). A seguir, apresentam-se as cinco dimensões do instrumento de avaliação do Sistema B.

Figura 1: Critérios de avaliação da Empresa B



Fonte: Sistema B (2020)

Na dimensão de Trabalhadores, o principal objetivo do aspecto que trata dos trabalhadores para uma Empresa B é atrair e reter os melhores talentos e fazer com que as pessoas se dediquem ao máximo para atingir o propósito da organização.

As perguntas do instrumento abordam questões relacionadas a três áreas: remuneração, benefícios e salários; propriedade dos trabalhadores: relacionada a transferência de ações ou propriedade da empresa para os colaboradores com maior tempo de empresa e ambiente de trabalho (HONEYMAN, 2017).

Em relação à dimensão Clientes, o instrumento avalia a intenção da organização em relação à sustentabilidade dos seus clientes reais e potenciais, abrangendo ações no sentido de identificar os problemas que a empresa pode ajudar a resolver no mercado.

Os clientes são considerados pelo Sistema B como uma parte interessada importante, que contribuem para o sucesso de um negócio e são afetados por ele. Apesar disso, por ser de atuação muito ampla, não é contemplado diretamente na Avaliação de Impacto B, com perguntas específicas. Este aspecto é medido em perguntas inseridas nas questões dos demais aspectos (AVALIAÇÃO DE IMPACTO B, 2020).



Quanto à Comunidade, o Sistema B entende que os negócios devem estar conectados com as comunidades em que atuam, beneficiando-as e criando um ambiente melhor para as pessoas que se relacionam com a empresa, o que tende a representar vantagem competitiva. O instrumento de avaliação inclui a criação de oportunidades de emprego para populações cronicamente subempregadas; a expansão da diversidade do conselho de administração, equipe de gerenciamento e fornecedores; programas de doações e caridade; desenvolvimento de fornecedores locais, de propriedade de minorias ou mulheres e operação com bancos locais ou cooperativas de créditos (HONEYMAN, 2017).

A dimensão Meio Ambiente se refere ao engajamento da organização com o desempenho ambiental, buscando melhorar relacionamentos com fornecedores e aumentar a confiança do consumidor. O instrumento contempla a avaliação da eficiência energética, hidráulica e de gestão de resíduos, bem como a transparência na comunicação sobre isso para o público em geral; a utilização de energia renovável; o monitoramento da qualidade do ar; a utilização de meios de transporte alternativos; o ciclo de vida dos produtos; o monitoramento das emissões de gases de efeito estufa e o incentivo aos fornecedores para melhorar práticas ambientais (HONEYMAN, 2017).

Por fim, a dimensão de Governança, visa garantir uma base sólida de responsabilidade e transparência de forma a reter os valores, a cultura e os processos implementados. O instrumento avalia a missão e comprometimento dos colaboradores; a transparência da gestão e a estrutura corporativa (HONEYMAN, 2017).

3 MÉTODO DA PESQUISA

O objetivo deste estudo foi analisar como as micro e pequenas empresas do estado do Rio Grande do Sul tratam a sustentabilidade, de acordo com a proposta do Sistema B. Para alcançar esse propósito, foi realizado um estudo qualitativo-exploratório, com duas etapas de pesquisas de campo.

A primeira etapa foi a pesquisa documental, na qual analisou-se as informações disponíveis no site do Laboratório B (<https://bcorporation.net/>) e literaturas específicas, em que se buscou exemplos e *cases* de pequenas empresas certificadas como Empresas B, de forma a enriquecer a análise e estabelecer um referencial comparativo para o estudo.

Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com empresários e gestores de micro e pequenas empresas do Rio Grande do Sul. Os entrevistados foram

convidados a participar do estudo utilizando-se o critério de facilidade de acesso e proximidade com os pesquisadores, buscando-se diversificar os setores de atuação das empresas com vistas a proporcionar uma análise mais completa do tema. Apoiado no critério de saturação de respostas, o total de 8 entrevistados se revelou suficiente para uma investigação exploratória do fenômeno, seguindo as recomendações de Bardin (2009).

Os entrevistados ocupam posições de tomada de decisão na gestão de micro e pequenas empresas, como sócios e diretores, pois entendeu-se que esses profissionais são os mais capacitados para responder pela empresa quanto às suas estratégias e ações voltadas para a sustentabilidade. O perfil dos entrevistados encontra-se apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: Perfil dos entrevistados

	Sexo	Idade da Empresa	Ramo de Atividade	Número de Colaboradores
E1	F	20 anos	Manutenção industrial	40
E2	M	7 anos	Logística	45
E3	M	10 anos	Gestão documental	10
E4	M	23 anos	Representação comercial	2
E5	F	16 anos	Advocacia	3
E6	M	18 anos	Fretamento	4
E7	F	4 anos	Alimentação	12
E8	M	30 anos	Tecnologia da Informação	13

Fonte: dados da pesquisa feita pelos autores (2021).

As entrevistas foram realizadas por telefone ou videoconferência, entre os dias 26 de outubro e 20 de novembro de 2020 e tiveram duração aproximada de 40 minutos. O registro dos dados se deu por meio de gravação de voz. Posteriormente, os relatos dos entrevistados foram transcritos e submetidos à análise de conteúdo, conforme as recomendações de Gibbs (2009). As categorias de análise foram construídas com base na literatura da área, especificamente nas dimensões que retratam os critérios para certificação da Empresa B. A seguir apresenta-se a análise dos resultados do estudo.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta etapa apresentam-se os resultados do estudo realizado. Primeiramente, apresenta-se o entendimento dos entrevistados em relação ao termo sustentabilidade. Na sequência, são analisadas as ações citadas pelos entrevistados, com um detalhamento em relação aos aspectos do Sistema B (trabalhadores, clientes, comunidade, meio ambiente e



governança). A seguir, é feita uma avaliação da abordagem da estratégia das empresas sobre a sustentabilidade e como elas percebem o benefício dessas ações para o resultado dos seus negócios. Por fim, são analisadas as percepções dos empresários em relação à importância de um sistema de gestão para auxiliar e direcionar as ações de sustentabilidade e, neste contexto, o conhecimento deles sobre o Sistema B.

4.1 SUSTENTABILIDADE

Inicialmente, para introduzir o tema, os entrevistados foram questionados sobre o que entendem por sustentabilidade. As respostas seguiram uma linha similar, associando o conceito ao meio ambiente, conforme pode-se evidenciar nos relatos a seguir.

Sustentável é quando a gente não prejudica o meio ambiente [E6].

A gente tem que pensar numa forma de que quanto menos a gente agredir o meio ambiente, melhor [E1].

Coisas mais sustentáveis são as que eu uso menos recursos energéticos, produtos, serviços que eu consiga transformar algo [E3].

Viver hoje, com qualidade de vida, sem prejudicar o futuro [E4].

Garantir que os nossos filhos possam ter uma vida boa [E8].

As falas dos entrevistados sugerem uma visão limitada da sustentabilidade, pois apenas uma das dimensões da certificação do Sistema B foi mencionada. Desde 1992, o termo sustentabilidade assumiu maior abrangência, englobando fatores econômicos e sociais, além dos ambientais (SANTOS, SILVA; CAETANO, 2019). Os gestores entrevistados parecem desconhecer a amplitude do conceito.

Quando questionados sobre como as micro e pequenas empresas devem tratar a sustentabilidade, os empresários se mostraram céticos em relação às possibilidades de ações mais robustas em pequenos negócios. Dos oito entrevistados, sete associaram ações de sustentabilidade a grandes investimentos e mencionaram a inviabilidade de concretizá-las, conforme referido a seguir.

Essas tecnologias de sustentabilidade não são tecnologias baratas...todas demandam investimento e um pequeno empresário hoje não tem recurso pra isso [E2].

A pequena e média empresa, por ter uma estrutura enxuta...tem pouco investimento nessa área de sustentabilidade [E3].

São extremamente caras as ações de sustentabilidade [E7].



Em oposição, um dos entrevistados associou a sustentabilidade à postura das lideranças do negócio e não diretamente aos investimentos, conforme apresentado a seguir.

O dono tem que conhecer o assunto, querer fazer, se não souber fazer tem que contratar gestores e lideranças pra botar em prática o que a empresa precisa fazer pra trabalhar com sustentabilidade. A empresa precisa envolver todos os funcionários, vai começar pela pessoa que sabe, que vai fazer um planejamento e as lideranças vão ter que implantar na empresa tudo que for possível [E4].

Um contraponto é que empresas não podem mais existir sem responsabilidade social. Não se trata mais de algo periférico, alheio ao negócio. Essa constatação pode ser evidenciada no depoimento da diretora geral da Roshan, Shainoor Khoja, no TedTalks de Seattle em 2013: “para ter um negócio sustentável, você deve ter uma sociedade saudável e, portanto, não pode mais um negócio operar na premissa de que apenas o retorno econômico é suficiente. Deve ter os dois”.

Os entrevistados nesse estudo apresentam uma visão de sustentabilidade associada a investimentos expressivos e ao meio ambiente, colocando, inclusive, que as micro e pequenos negócios, não têm condições para adotar práticas de sustentabilidade de forma satisfatória.

4.2 Ações das Empresas

Na sequência da entrevista, os empresários foram questionados sobre as ações de suas empresas em relação à sustentabilidade, no âmbito dos aspectos da Empresa B: trabalhadores, clientes, comunidade, meio ambiente e governança, que são analisados a seguir.

Sobre a sustentabilidade na relação com os colaboradores, alguns dos empresários como o E4 e o E7 citaram que essas ações geram maior motivação aos trabalhadores e, conseqüentemente, maior produtividade. Além da motivação, o E8 ressaltou a satisfação pessoal nesse sentido, conforme relatado no trecho a seguir.

[...] gera muita satisfação pra gente quando a gente vê um funcionário que gosta de trabalhar na nossa empresa. Nosso pessoal sabe das dificuldades de ser empresário no Brasil e reconhece o esforço que a gente faz pra dar a melhor condição pra todo mundo e é isso que me motiva. É isso deixa a gente feliz no que a gente faz e que dá sentido pra tudo [E8].

Apesar de terem grandes ações relacionadas ao desenvolvimento e bem-estar das equipes, nota-se nos depoimentos das Empresas B levantados na pesquisa documental, ações que vão além das citadas nas entrevistas. Um exemplo é o comentário da Codebit, no site do



Sistema B: “Agimos como donos: É o olho do time que engorda o gado. Agimos e atuamos como um organismo único, sem chefes ou hierarquias. O que nos move não são cargos e sim crenças” (AVALIAÇÃO DE IMPACTO B, 2020).

Também chama atenção o fato de nenhum dos entrevistados ter associado as ações sustentáveis a um aspecto que aparece muito em depoimentos de Empresas B, que é a capacidade que a empresa constrói para atrair e reter talentos, sobretudo os mais jovens. “Os Millennials, que representam quase 50% da força de trabalho no mundo todo, têm necessidades específicas no trabalho que são completamente diferentes das necessidades das gerações anteriores. A maior delas é o desejo de alinhar valores pessoais e corporativos” (HONEYMAN, 2017, p. 26).

Em relação ao impacto sobre os clientes, os empresários entendem ter pouco poder de influência. Dentre os que se manifestaram sobre isso, alguns como o E8 pensam que, por serem muito menores que seus clientes, acabam não tendo influência nenhuma sobre estes. Outros como o E6 seguem a linha de que as pessoas não prestam atenção no que a empresa faz e não gera influência nos serviços prestados. Nessa linha, o E7 afirma que

As pessoas não estão nem aí pra isso. Eles querem saber é se a comida tá boa e estão sendo bem tratados [E7].

A percepção das Empresas B certificadas é um pouco diferente. A fundadora e CEO da Southern Energy, Maria Kingery, disse que “a nossa certificação de Empresa B permitiu qualificar e quantificar o impacto que estamos trabalhando para criar no mundo e comunicar isso claramente aos nossos clientes” (HONEYMAN, 2017, p. 134). Já Kevin Trapani, CEO da The Redwoods Group, diz que usam as ações de sustentabilidade para melhorar a imagem da empresa em relação aos seus clientes. Comenta ainda que isso “ajuda a provar que não estamos apenas dizendo que somos diferentes, mas que vivemos um modelo de negócio diferente todo dia” (HONEYMAN, 2017, p. 255).

A comunidade é um dos tópicos que os entrevistados mais citaram exemplos de ações. Ficou claro o envolvimento da maioria das empresas nas comunidades em que estão sediadas. Por exemplo, o E5 e o E8 comentaram sobre os casos em que prestam serviços gratuitos para pessoas que precisam e não têm condições de arcar com os custos, conforme relatos a seguir.

Na comunidade atuo como voluntária como Conselheira Municipal das Pessoas com Deficiência, auxiliando o órgão na análise de situações em que o direito do segmento possa estar sendo violado. [...] [Uma das ações] foi a inclusão das pessoas com deficiência no calendário da vacinação municipal, antecipadamente ao que havia sido determinado pelos órgãos reguladores, encaminhamos pareceres destacando a necessidade das pessoas do segmento serem incluídas em fase mais



breve, levando-se em consideração não só a prioridade a que têm direito, mas também a vulnerabilidade em casos de decreto de emergência e calamidade, ambas as situações previstas na Lei Brasileira de Inclusão. Tivemos o parecer acolhido com a autorização da antecipação dentro do calendário, tornando um direito efetivo e a atitude como incentivadora a outros municípios [E5].

Quase todo dia alguém aqui no bairro precisa de ajuda em alguma questão de TI, muitas empresas também. A gente sempre dá uma força, porque sabe que o pessoal precisa... Às vezes, se tem [peças de computador] sobrando aqui, a gente [instala nos computadores] pro pessoal e esse tipo de coisa. A gente sabe que essas coisas são caras. Não custa nada ajudar [E8].

O depoimento do E1 é outro exemplo de ações ligadas à comunidade, porém, no caso dele, não são relacionadas com a atividade da empresa.

Aqui na empresa...a gente faz entregas... em locais que a gente sabe que são mais carentes, a gente entrega brinquedos, balas, cestas básicas, [entre outras coisas]. No final do ano a gente adota as cartinhas [de pedidos para o natal] no correio. [Doamos] cestas de natal, para as pessoas que querem [uma ceia] na noite de natal com a família. [Doamos] também material escolar. A gente ajuda alguns times de futebol, para incentivar as crianças [a praticar esportes]. Se algum funcionário nos procura, dizendo que tem alguém passando alguma necessidade, a gente...ajuda [E1].

O E3 também valoriza as relações com a comunidade, mas cita também a importância da sua relação com os fornecedores, conforme relato a seguir.

... a ética com os fornecedores e a responsabilidade de sair da questão do lucro e saber que o fornecedor é um parceiro e que se tu agires [sem uma relação] ganha tu vais acabar com esse parceiro e aí tu não tornas o teu ecossistema sustentável. Tu vais eliminado teus parceiros de negócio sem conseguir dar a condição para que eles se desenvolvam e tragam serviços e produtos melhores [E3].

Fica clara a relação próxima das empresas com a comunidade e a preocupação deles em ajudar as pessoas, mas chama atenção que nenhum entrevistado comentou sobre utilizar isso para o benefício dos negócios. Segundo Honeyman (2017, p. 80), as organizações com esse tipo de relação com a comunidade “podem se beneficiar de uma maior capacidade de atrair e reter os melhores talentos, gerar atenção positiva da mídia e aumentar a boa vontade do cliente”. Os relatos demonstram a expressiva inserção das organizações na comunidade e quanto são engajadas em diferentes tipos de ações sociais. Entretanto, os gestores não vinculam esse tipo de ação à sustentabilidade. Essa constatação pode se dar em razão da visão limitada dos entrevistados em relação ao conceito de sustentabilidade, o que os faz acreditar que, se a organização não promover ações diretas ao meio ambiente, não promovem ações de sustentabilidade.

Assim como a relação com a comunidade, o meio ambiente foi bastante citado nas entrevistas. Alguns depoimentos se destacaram nesse sentido, conforme demonstrado a seguir.



O que nós fazemos é reciclar o lixo, usar o mínimo de papel possível...e usar o máximo digital possível. Estamos usando mais a internet e a informática para evitar gastar mais gasolina [e outros recursos] e poluir menos [E4].

Para aproveitar melhor os recursos...a gente capta a água dos telhados para uma caixa d'água específica, que a gente usa pra limpeza, lavagem, molhar a grama, vasos sanitários dos banheiros. A gente também tem painéis fotovoltaicos para reduzir o uso da energia. Entre outras coisas que podem dar uma condição de vida melhor pra nós e para os que nos cercam [E2].

Por meio desses relatos, observou-se que a preocupação com a redução do consumo é nítida na gestão dessas organizações, o que vai ao encontro das colocações de Willard (2017). Neste sentido, os entrevistados associam a redução de consumo de recursos tanto com questões de preservação do meio ambiente, quanto com redução de custo para a empresa. Esse aspecto diretamente relacionado à eliminação de resíduos e à economia de recursos é percebido de forma mais fácil pelos gestores como ações de sustentabilidade. Entretanto, é interessante notar que nenhum dos gestores participantes mencionou essas ações quando questionados sobre a forma que a organização trata a sustentabilidade. Esse resultado sugere que os entrevistados tendem a menosprezar as ações realizadas pela organização, de modo a não as vincular a sustentabilidade.

Como uma possível causa para essa constatação e, até mesmo, uma suposta justificativa utilizada pelos entrevistados para a organização não apresentar formalmente as suas ações de sustentabilidade, os gestores mencionaram as questões governamentais, alegando não terem incentivo e sequer serem fiscalizados neste sentido, conforme relatos a seguir.

As grandes empresas são muito mais cobradas...a gente não tem tanto essa cobrança e fiscalização [em relação ao cumprimento das normas] de meio ambiente. Acontece quando a empresa vai renovar uma documentação que tem uma fiscalização. Se renovar por dez anos, por dez anos eles ficam sem vir na empresa [E1].

Não existe uma política no país voltada para [sustentabilidade]. É o contrário, se tu quiseres fazer uma usina fotovoltaica no pátio da tua empresa hoje, vai ser sobretaxado por isso. Vai ter que pagar pra isso. Além do mais não existe [opção de] financiamento de longo prazo para que isso aconteça [E4].

Esses relatos mostram uma intenção positiva dos entrevistados em ampliar as iniciativas relacionadas à sustentabilidade e o interesse dos mesmos por incentivos externos que os auxiliem e orientem as suas ações. As falas dos gestores apresentam certo ar de reprovação ao afirmarem que faltam medidas governamentais de incentivo e fiscalização dessas práticas.

A questões relativas à governança foram associadas pelos entrevistados à gestão ética dos negócios, perpassando por valores como respeito e promoção do bem social. Os relatos,



no entanto, se mostraram bastante genéricos nesse item. Os gestores entrevistados mencionaram a sua importância e trataram o tema de modo mais superficial, sem entrar em detalhes ou oferecer exemplos de ações da organização direcionadas a essas questões, o que pode ser visualizado nos relatos a seguir.

Aqui na empresa a gente toma as melhores decisões para a empresa, pensando em garantir o melhor para a empresa e os melhores resultados [E6].

É importante ter uma gestão ética e tratar as pessoas com respeito. Se a empresa não trata as pessoas e as outras empresas com respeito, acaba criando problemas no futuro. Por isso que a liderança ter atitudes corretas é tão importante. É como a gente garante a sustentação do negócio” [E7].

A empresa deve garantir a sustentabilidade dos seus lucros. Só mantendo um planeta sustentável é que a gente consegue garantir que a empresa também seja sustentável. É preciso pensar no futuro do planeta e da sociedade, pois se [estes] não estiverem bem, os negócios também não vão ter sucesso [E8].

Nenhum entrevistado citou ações relacionadas à transparência, manutenção da missão ou montagem de uma estrutura corporativa que buscasse garantir a perpetuação de compromissos com a responsabilidade socioambiental, conforme indicado na dimensão da governança do Sistema B.

Já os depoimentos de Empresas certificadas como B se apresentaram mais detalhados quanto à governança. Por exemplo, o da empresa Aoka Tour: “atuando diretamente com organizações e a sociedade civil, desenvolvendo líderes, ativando ecossistemas e gerando ação coletiva em prol da construção de parcerias, ações/projetos ou negócios inovadores” e o da empresa Araruna Filmes: “temos um conselho semestral com nossos colaboradores e conversamos com total transparência sobre números, rumos e estratégia, dando voz a todos os membros envolvidos” (AVALIAÇÃO DE IMPACTO B, 2020).

Esses resultados demonstram que as empresas já certificadas pelo Sistema B possuem maior conhecimento sobre as suas práticas e conseguem vinculá-las de forma natural às dimensões da avaliação. Por outro lado, os gestores entrevistados não possuem essa consciência de forma tão evidente. Talvez as organizações já adotem certas ações de sustentabilidade associada à governança, porém seus gestores não as percebem como tal.

4.3 ESTRATÉGIA E RESULTADOS

As estratégias e resultados se referem à formalização das intenções de práticas de sustentabilidade nas políticas institucionais. Essa pesquisa revelou que, apensar de adotar



ações ligadas à sustentabilidade, nenhuma das empresas participantes coloca isso no seu planejamento estratégico de forma mais estruturada. Alguns gestores entrevistados citaram as ações de redução do consumo como impactantes nos custos organizacionais, porém nenhum citou a sustentabilidade como potencial alavancador dos resultados, o que está retratado nos depoimentos a seguir.

Vou dar um exemplo do meu ramo, que está reduzindo muito o consumo de folhas, porque os processos hoje em dia são eletrônicos. Todo procedimento é digital, com assinatura digital. A consequência é que evita imprimir. Isso gera menos gastos da empresa com papel e impressora por exemplo [E5].

Uma das nossas principais estratégias é a redução [do desperdício]. A gente tem um alto custo com isso. Se a gente não cuidar do desperdício de comida...a gente não dá conta dos custos e a empresa acaba quebrando...tem outros desperdícios também que a gente tem que cuidar..., mas pra gente o mais significativo é o de comida [E7].

A visão dos gestores sobre reduzir custos e desperdícios se mostrou associada aos impactos financeiros da organização. Os entrevistados não declararam como a sustentabilidade pode contribuir para os resultados mais significativos quando ligada à estratégia da empresa, que é a premissa central do Sistema B (MACKEY; SISODIA, 2013).

Podemos notar isso nas palavras da Tiffany Jana, CEO da TMI Consulting: “Nosso negócio cresceu 800% desde que nos tornamos uma Empresa B Certificada. Entre relações públicas, comunidade expandida, oportunidades de networking e capital social, a TMI vivenciou um crescimento sem precedentes” (HONEYMAN, 2017, p. 53).

Os resultados positivos aparecem também quando olhamos índices de mercado como o ISE – Índice de Sustentabilidade Empresarial (indicador de sustentabilidade da Bovespa), que desde 2005, mostrou performance de +266,19% contra +235,43% do Ibovespa (B3, 2020). A média do Índice de Sustentabilidade Dow Jones também apresenta diferença significativa de 36,1% maior do que o Índice Dow Jones Tradicional (HONEYMAN, 2017).

Portanto, ter a sustentabilidade ligada à estratégia contribui para construir a cultura organizacional sustentável, o que, conseqüentemente, irá gerar resultados financeiros. O CEO da West Paw, Spencer Williams, corrobora com essa constatação, no relato a seguir.

Desde que nos tornamos uma Empresa B, nossos funcionários aprofundaram nossa cultura unindo-se para promover nossos esforços de sustentabilidade e retribuir à nossa comunidade. Nossas iniciativas ambientais lideradas por funcionários resultaram em economia de custos, que podemos repassar aos consumidores, enquanto nosso maior envolvimento com a comunidade se tornou uma forma tangível de viver nossos valores essenciais (SISTEMA B, 2020).

Ao final da entrevista, os participantes foram questionados quanto ao Sistema B (se conhecem e se já cogitaram buscar certificações ligadas à sustentabilidade). Nenhum dos



entrevistados conhece o Sistema B e todos relataram que não utilizam sistemas de gestão relacionados à sustentabilidade. Alguns gestores mencionaram a possibilidade da contratação de consultorias na área, mas ainda não têm esta prática, conforme relatos a seguir.

[Sistema de gestão para sustentabilidade] a gente até tem. Poderíamos ter alguma consultoria. Por enquanto temos, mas mais voltada a alavancagem dos negócios e no aperfeiçoamento de líderes...a gente estava também tentando obter a ISO 9001, mas a gente teve que parar por causa da pandemia [de Covid-19] [E1].

Existe a ISO 14001 que é dentro da sustentabilidade e existe pessoas que estão estudando e estão melhor preparadas para implantarem [práticas de sustentabilidade] e prepararem novos gestores, mas isso ainda, em termos de Brasil, está iniciando. É um momento de conhecer, planejar e preparar lideranças para fazer esse papel de implantar sustentabilidade. Ainda não é uma realidade [E4].

Por outro lado, os depoimentos de Empresas B certificadas demonstram como esse sistema pode ser positivo e auxilia na sua gestão. A CEO da Dansko, Mandy Cabot, diz que “a certificação de Empresa B nos ajuda a manter o foco nas melhores práticas – menos desperdício operacional, menos uso de energia, um manual melhor e mais completo para o funcionário, um melhor código de ética, e assim por diante” (HONEYMAN, 2017, p. 19).

O diretor de sustentabilidade da Cabot Creamery, Jed Davis, também vê a certificação de Empresa B como direcionador do negócio no sentido da Sustentabilidade: “o foco do Sistema B no nível organizacional e não apenas em nossos produtos, diferencia-o em relação a outros certificadores. A obtenção da certificação de Empresa B também valida os esforços de uma empresa em gerenciar com vistas à sustentabilidade” (HONEYMAN, 2017, p.166).

Os resultados desse estudo demonstraram o quanto há espaço para crescimento da temática sustentabilidade na gestão de micro e pequenas. Os gestores entrevistados revelaram conhecer e implementar diversas práticas sustentáveis, porém muitas vezes as limitam a questões relacionadas ao meio ambiente, especialmente, pelo fato de não compreenderem a abrangência do conceito de sustentabilidade. As organizações que participaram desse estudo possuem imenso potencial para amadurecimento do tema na sua gestão, especialmente com a inclusão formal da sustentabilidade no seu planejamento estratégico e com a criação de consciência dos frutos que essa decisão pode render.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo analisar como as micro e pequenas empresas do Rio Grande do Sul tratam a sustentabilidade, de acordo com a proposta do Sistema B. Para alcançar esse propósito, foi realizado um estudo teórico sobre a importância do tema para as



empresas, bem como foram levantados os critérios propostos pelo Sistema B; também foi realizada uma pesquisa documental com foco na abordagem das Empresas B quanto à sustentabilidade e, ainda, foi realizada uma pesquisa exploratória com gestores de micro e pequenas empresas do Rio Grande do Sul com vistas a analisar o tema sustentabilidade, considerando os critérios da Empresa B, na gestão dessas organizações.

Com base na teoria, verificou-se que a sustentabilidade vem evoluindo desde meados do século passado, chegando atualmente como um tema amplo e complexo, e bastante valorizado pelos consumidores. Para auxiliar e orientar as empresas nas ações relacionadas a isso, existem diversos sistemas de gestão no mercado, sendo um deles o Sistema B, que abrange as tratativas das empresas em relação aos trabalhadores, clientes, comunidade, meio ambiente e governança.

Nessa pesquisa, notou-se que os gestores entrevistados entendem a importância socioambiental das empresas e têm intenções positivas no sentido de implementar as melhores práticas de sustentabilidade, porém não está claro para eles o quanto essas ações, se tratadas de uma forma estruturada e relacionada à estratégia da empresa, podem gerar resultados financeiros ou outros ganhos como contratação e retenção de talentos, melhoria da imagem da marca, manutenção da missão no longo prazo, entre outros possíveis avanços de performance em aspectos diversos.

Notou-se também como o discurso das Empresas B coletados na pesquisa documental tratam as questões relacionadas à sustentabilidade de forma mais ampla e objetiva. Essas empresas têm a sustentabilidade ligada à sua estratégia e conseguem ver claramente os resultados que essas ações geram. Comparando essas duas realidades, ficou evidente o potencial positivo que a inclusão do tema sustentabilidade na estratégia das organizações representa, tanto no fomento de uma sociedade mais próspera e um planeta mais sustentável, quanto para ampliar a sua competitividade. As empresas têm diversas ações interessantes no sentido de ajudar a comunidade e melhorar as condições ambientais, porém não têm uma atuação mais forte nos demais aspectos, mesmo com um grande potencial para contribuir para sociedade nesse sentido.

Para os pequenos negócios conseguirem ter atuação mais ampla, atendendo a todos os aspectos e conseguindo reverter estas ações em resultados concretos, é necessário que a empresa tenha claro o seu propósito e que este tema seja pauta do seu planejamento estratégico. Com isso, a organização consegue direcionar esforços para que as ações sejam potencializadas e gerem um impacto maior na sociedade. Além disso, essa mudança pode



trazer resultados melhores para a empresa no sentido de aumentar o potencial de investimentos, melhorar a atração de talentos, motivar e engajar os colaboradores e melhorar a imagem para o mercado.

Mesmo com a presença do tema na estratégia e as ações alinhadas, os resultados não serão plenos sem que o movimento em direção a uma atuação mais sustentável permeie toda a organização. Para isso é necessário que seja realizada uma campanha direcionada aos colaboradores, de forma que todos sejam envolvidos e engajados na nova forma da empresa atuar. Aos poucos essa mudança deve alterar a cultura da empresa tornando essa nova forma de atuação algo orgânico e perpétuo.

Algo que pode ajudar nessa mudança é a adoção de um dos diversos sistemas de gestão voltados para responsabilidade socioambiental disponíveis no mercado. Para este estudo foi utilizado como referência o Sistema B, que é bastante apropriado para isso, sobretudo na aplicação em pequenos negócios, já que se adapta facilmente a empresas de qualquer porte, é bastante simples e didático e tem boa parte das ferramentas disponíveis de forma gratuita ou com baixo custo.

Uma das limitações do estudo foi a abrangência da pesquisa, que contemplou apenas oito gestores de micro e pequenas empresas do estado do Rio Grande do Sul, o que restringiu os resultados obtidos a esse grupo. Outra dificuldade está relacionada à comparação entre os depoimentos coletados na pesquisa documental, que foram retirados do site do Sistema B e de literaturas específicas e, portanto, são selecionados e editados para melhor divulgação do tema, prejudicando a comparação com os depoimentos da pesquisa qualitativa, que foram realizados de forma espontânea, sem nenhuma preparação dos entrevistados para relatar sobre o tema. Neste sentido, sugere-se para um estudo futuro a aplicação da mesma pesquisa qualitativa em Empresas B e em organizações sem essa certificação, o que poderia gerar um material de comparação mais consistente e poderia trazer outros elementos à essa conclusão.

REFERÊNCIAS

ABREU, E. F.; De Rachel Carson à Marina Silva. **Ecodebate**. 2010. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2010/03/24/de-rachel-carson-a-marina-silva-artigo-de-eduardo-figueiredo-abreu/>. Acesso em 20 out. 2021.

ANDRADE, V. F.; BIZZO, W. A. Análise comparativa das normas de gestão de responsabilidade social e sua abrangência. **Gestão e Produção**, 25(4), 807-825, 2017.

AVALIAÇÃO DE IMPACTO B. (2020). Disponível em: <https://bimpactassessment.net/>. Acesso em: 20 out. 2021.

BALDO, M. Acting as a benefit corporation and a B Corp to responsibly pursue private and public benefits. The case of Paradisi Srl (Italy). **International Journal of Corporate Social Responsibility**, 4(4), 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BUSCH, S. E.; RIBEIRO, H. Responsabilidade Socioambiental Empresarial: Revisão da Literatura sobre Conceitos. **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, 4(2), 2009.

CARSON, R. **Primavera silenciosa**. 2. ed. São Paulo, SP: Melhoramentos, 1962.

CORREA, M. E; ABRAMOVAY, R.; GATICA, S.; VAN HOOFF, B. **Nuevas empresas, nuevas economías: Las empresas B en Sur América**. Lima: Yo Público, 2020.

CORREA, M. E. Sistema B y las empresas B en América Latina: Un movimiento social que cambia el sentido del éxito empresarial. Books, **CAF Development Bank Of Latinamerica**, 1436, 2019.

FINK, L. Carta do Larry Fink aos CEOs. **BlackRock**, 2020. Disponível em: <https://www.blackrock.com/br/2021-larry-fink-ceo-letter>. Acesso em: 20 out. 2021.

GEHMAN, J.; GRIMES, M. Hidden badge of honor: how contextual distinctiveness affects category promotion among certified B Corporations. **Academy of Management**. 60(6), 2018.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GURSKI, B.; GONZAGA, R.; TENDOLINI, P. Conferencia de Estocolmo: um marco na questão ambiental. **Estudos Avançados**, 26(74), 51-64, 2012.

HONEYMAN, R. **O Manual da Empresa B: como usar os negócios como força para o bem**. Belo Horizonte, MG: Editora Voo,

JORNAL DO COMÉRCIO. Iniciativa une multinacionais e quer usar os negócios para gerar impacto positivo. 2020. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2020/09/756459-iniciativa-une-multinacionais-e-quer-usar-os-negocios-para-gerar-impacto-positivo.html. Acesso em 20 out. 2021.

KHOJA, S. (2013) Are you making a difference? **YouTube**, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3wL5AXdvPGc>. Acesso em 20 out. 2021.

MACKEY, J.; SISODIA, R. **Capitalismo Consciente: O espírito heroico dos negócios**. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2013.

MARQUIS, C. The B Corp Movement Goes Big. **Stanford Social Innovation Review**. 18(4), 2020.



MASCARENHAS, M. P.; SILVA, W. A. C. Triple Bottom Line da sustentabilidade: uma análise em empresas nacionais produtoras de óleo e gorduras. **Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade**, 3(1), 62-79, 2013.

NASCIMENTO, E. P. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos Avançados**, 26(74), 51-64, 2012.

OLIVEIRA, M. J.; VECCHIA, F. A. S. A controvérsia das mudanças climáticas e do aquecimento global antropogênico: consenso científico ou interesse político? **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, 5, 946-962, 2009.

ORIBE, C. **A relação entre SA 8000 E AA1000 com o marco referencial da ética dos negócios**: um entendimento necessário. Belo Horizonte: PUC Minas, 2006.

PEDROZA, D. Empresas B: a sustentabilidade vivida na prática. **Isto é Dinheiro**. 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/empresas-b-a-sustentabilidade-vivida-na-pratica/>. Acesso em 20 out. 2021.

PEQUENAS EMPRESAS E GRANDES NEGÓCIOS. **Pequenos negócios já representam 30% do Produto Interno Bruto do país**, 2006. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Negocios/noticia/2020/04/pequenos-negocios-ja-representam-30-do-produto-interno-bruto-do-pais.html>. Acesso em 20 out. 2021.

PIRES, Ederson. **A mudança climática, o protocolo de Quioto e o mecanismo de desenvolvimento limpo**: elementos de um novo paradigma de comportamento econômico ambiental. 2006. 264 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Fundamentos do Direito Positivo, UNIVALI, Itajaí, 2006.

RÍOS, O. M. E., ALMAZÁN, D. A.; QUINTERO, J. M. M. La Responsabilidad Social Empresarial en la Imagen de Marca Afectiva y Reputación. **Innovar**, 28(69), 133-148, 2018.

SANTOS, E. C. S.; SILVA, J. K. L.; CAETANO, R. M. As práticas de sustentabilidade e de responsabilidade social aplicadas nas micro e pequenas empresas e em microempreendedores individuais de Vilhena-RO. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, V.11, n.4, set/dez, 2019.

SISTEMA B. 2021. Disponível em: <https://sistemab.org/br/brasil/>. Acesso em 20 out. 2021.

SISTEMA B BRASIL. Relatório Anual 2020, 2020. Disponível em: https://www.sistemabrasil.org/suhdo/storage/uploads/f8b83d96c49605fd64667c197f8ad52b/wysiwyg/pdf/Sistema%20B%20Brasil_Relato%CC%81rio_2020_v7.pdf. Acesso em 20 out. 2021.

TOLDO, Mariesa. **Selos Sociais e Responsabilidade Social Corporativa**: um estudo de caso em criciúma, sc. 2003. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

WILLARD, B. **Como fazer a empresa lucrar com sustentabilidade**. São Paulo, SP: Saraiva Educação S.A., 2017.